



Novialuz

revista académica mensal

COIMBRA

JANEIRO, 1942

Preço 2\$50

N.º 1

CORPO REDACTORIAL

ARMANDO BACELAR, ARY DE ALMEIDA ELIAS DA COSTA,
JOÃO VEIGA LEITÃO, JOSÉ VEIGA LEITÃO, LUÍS ÁGUIÃO,
MANUEL BREDÁ SIMÕES, RAUL MORAIS E CASTRO

* * * *

SUMÁRIO

Directriz — A REDACÇÃO

O Estudante de hoje e o de ontem — ANTÓNIO PAULA AZEREDO

América-Século XX — RUI DE CASTRO

Os «contrários» em Heraclito — M. BREDÁ SIMÕES

Ela — MARIA OLGA

Rumo — M. NUNES COSTA

A mulher perante os biólogos — INÊS GOUVEIA

Um capítulo de romance — JOAQUIM FERRER

Soneto — CARLOS DE OLIVEIRA

Impressões de leitura — ARMANDO BACELAR

Movimento Científico Internacional

Crítica de livros

Expediente

* * * *

Administração de FRANCISCO SALGADO ZENHA
Direcção artística de JOSÉ VEIGA LEITÃO

* * * *

SOLICITAMOS PERMUTA

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

anual	24\$00
semestral	13\$20
trimestral	6\$90
número avulso	2\$50

Nova Luz

revista mensal académica

redacção e administração:—Rua de Montpellier n.º 5

C o i m b r a

director:

editor:

António Paula de Azeredo

Alberto Augusto Machado Saavedra

DIRECTRIZ

O aparecimento duma revista como a nossa, nesta hora em que a humanidade atravessa a crise mais séria de toda a sua história, é um acto de fé.

«Nova Luz» surge dentre estudantes universitários mas não se propõe ser uma revista que exprima apenas os problemas duma classe, no sentido restrito da palavra. Aqui terão sobretudo eco os anseios culturais que preocupam estudantes conscientes de que têm uma missão a cumprir.

Procuraremos focar os assuntos mais dignos de interesse para a juventude, nos campos da sociologia, da história, da ciência, da literatura, das artes, do desporto. Não o faremos como técnicos possuidores duma visão especializada, fechando-se cada articulista numa esfera de pensamento inacessível ao vulgo; antes nos esforçaremos por que todos os assuntos sejam encarados sob o ângulo do que nêles é digno de ser apontado à consideração do homem comum que pretende obter uma cultura geral.

«Nova Luz» é uma revista livre de imposições sectárias e essa mesma liberdade condiciona a sua existência. Mas, porque é livre, «Nova Luz» sente-se responsável perante os seus leitores. Como instrumento dessa responsabilidade, usará duma crítica honesta mas que não satisfará compadrios literários, comercialismos nem vaidades pessoais.

Dissemos acima que o aparecimento, nesta hora, duma revista como a nossa era um acto de fé. No mais íntimo de todos nós

vive a convicção, que a história não desmente, de que é nos períodos mais angustiosos e acidentados que a humanidade faz as suas maiores conquistas.

Em suma:

— Nós acreditamos que o homem está no centro da cultura e que toda a cultura responde a problemas do homem!

— Nós acreditamos no valor da cultura como força actuante!

— Nós acreditamos na dignidade do homem, que não é apenas uma pedra de xadrez no tabuleiro das grandes operações militares!

— Nós acreditamos em que, ainda hoje como nos tempos de Bacon, a idade do ouro está para a nossa frente e não para trás de nós!

E de acôrdo com estes princípios orientaremos a nossa acção.

A REDACÇÃO

O Estudante de hoje e o de ontem

Há quem diga: o estudante de hoje é diferente do de outrora; a sua mentalidade difere por completo, a sua educação e a sua personalidade deixam muito a desejar.

E embora ao meu brio de estudante de agora repugne aceitar parte destas afirmações, a verdade é que apenas posso dizer: é a realidade.

A mentalidade do estudante de hoje é diferente. Sem dúvida, é bastante diferente, e, pode-se mesmo dizer radicalmente oposta, à do estudante de há anos.

Já não se discutem livros novos, não se fazem conferências, não se organizam reuniões culturais. Todos procuram não emitir opiniões próprias, nem tomar responsabilidades.

Mais vale discutir *foot-ball*, tomar partido acérrimo por um ou outro grupo, degladiar-se com entusiasmo ôco de conhecimentos, seguindo apenas a sua intuição e o que a prática de ver jogos lhe ensinou.

Ou então, entrar num café com ares doutorais, pedir altivamente ao criado:

— Um café!

... E depois... passar a ser um estratega consumado, prevendo todos os casos da guerra, planeando tôdas as ofensivas e contra-ofensivas, fixando linhas de combate e direcções de ataque... e tudo isto, porque assim não é preciso assumir responsabilidades.

Uma das principais características do estudante de hoje é a falta de personalidade.

Precisa decidir-se por um caminho, tomar uma atitude rígida e tudo são titubiações, mêdos, cautelas, cuidados.

E isso mesmo se nota nas próprias aulas. São raros aquêles que divergem da opinião dos mestres. É que é muito mais

América - Século XX

Diferente da América que as produtoras de Hollywood nos apresentam diària-

mente nos filmes fabricados em série em que tudo se passa no «melhor dos mundos possíveis» é esta, que os seus maiores escritores nos revelam: Desde Teodoro Dreiser, em gerações sucessivas de escritores, o desbravamento da vida Americana tem sido feito e nada resta para qualquer pessoa esclarecida daquele amável espectáculo que a terra dos arranha-céus e da vida fácil parecia ser. Do que a América aparentava ao estrangeiro de boa-fé, que frequenta os cinemas do lado de cá do Atlântico, lê os telegramas *United Press* e os livros sem responsabilidades, passou-se à América tal como é; da aparência grandiosa que encharcava os olhos,

fácil corroborar uma opinião, do que atacá-la e defender a tese oposta. E isto, com raras excepções, é assim.

Em parte, justifica-se esta falta de personalidade pela pouca idade da maior parte dos alunos. Mas nem isto serve de argumento final, pois outrora também havia estudantes bem novos.

Temos pois de concluir: a média dos estudantes de hoje mudou — e aí de nós, sob a maioria dos aspectos! — para pior.

Verificamos também que os tempos mudaram; que actualmente tôdas as actividades se têm de exercer dentro da ordem e preenchendo moldes rígidos. E dêste modo, consegue-se mais uniformidade e aparecem muito menos unidades isoladas, que sobressaiam pelo seu valor. Formam-se padrões rígidos e todos têm de caber dentro dêles, sem excitações nem relampejos de génio. Podem subir uns mais que os outros mas sempre dentro de moldes fixos e precisos. E não julguem que me considero um espectador isolado, que se encontra fora do ambiente académico. Não. Encontro-me na mesma atmosfera que todos, sinto de maneira semelhante à generalidade, limitei-me apenas a observar e estudar o ambiente geral e a analisar o meu próprio eu. E cheguei a estas conclusões.

ANTÓNIO PAULA AZEREDO

ao que estava por baixo dessa grandeza e que afinal lhe servia de suporte.

Dreiser, Upton Sinclair, Sinclair Lewis fazem o processo de certas camadas da população, integrando-as no seu meio e mostrando os resultantes da sua acção, não as limitando por isso simplesmente a um simples caso individual sôbre o qual o escritor se debruçava curioso. As figuras clássicas para o público vulgar: a do financeiro que saía do nada, dominava companhias e mandava construir um arranha-céus onde no último andar expunha numa montra os sapatos cambados de vagabundo com que começara a vida; a do homem de fortuna média, tolerante e simpático; a dos grandes campões da grandeza industrial, são desmitificadas e as suas figuras surgem reais: as condições do seu trabalho, os processos de que lançam mão, o que há no fundo do seu pensamento, o que se esconde debaixo dessa tolerância, a sua vida, foi o que êstes escritores levantaram da lenda e corajosamente (é êste o termo próprio com tudo o que encerra de significado) mostraram.

Harrisson, Michael Gold, Eskine Caldwell, John Steinbeck e paradoxalmente o próprio subjectivista Faulkner (pelo menos em «Sanctuário») dão-nos o que, depois dos trabalhos de Dreiser e dos dois Sinclair, se pode chamar a *outra América: gangsters*, crianças pobres e abandonadas vivendo junto aos arranha-céus de Manhattan, de Los Angeles ou de Chicago, assalariados industriais das imensas fábricas do «trabalho racional» à maneira de Ford e Tylor, os trabalhadores agrícolas dos ranchos do Sul, a verdadeira face dos *cow-boys*. É não é para esta gente que a vida se passa como no célebre «Não o levarás contigo» de Capra. É uma vida árdua, terrível, uma luta diária sem a certeza de amanhã, sem apoios, e muitas vezes sem consciência. Nos anos a seguir à crise de 1929 chegou a haver dez milhões de desempregados nos Estados Unidos.

John dos Passos ergueu sôbre a imensa realidade do seu país uma série de romances tão notáveis que o colocam na primeira fila dos romancistas de todo o mundo e são uma viva história da América de 1900 para cá. Aos três romances *42.º Paralelo*, *1919* e *The Big Money* deu-lhes um título que exprime clara-

mente o sentido desta obra: *U. S. A.* Servindo-se duma técnica difficilima a que se pode chamar completamente nova, que entre outras determinantes é um reflexo do dinamismo dos grandes centros, êle pode ainda permitir-se variar essa própria técnica mantendo a sua originalidade. *Manhatan Transfer* é escrito duma forma completamente diferente de *U. S. A.*

Êste movimento literário em que é raro encontrar uma nota discordante ou demagógica toma forçosamente base numa parte consciente da população que, por sua vez, se apoia na consciência das contradições da vida Americana que não são mais que as grandes contradições do nosso tempo, na Europa, no Extremo Oriente como nos Estados Unidos. Êle reflecte-se em todos os aspectos da vida cultural americana: na poesia, na pintura no cinema.

O cinema que, pela sua natureza, está na América entregue aquêles que mais necessidade têm de esconder a própria realidade tem mostrado sempre o lado das aparências. Mas a prova de que êste movimento cresce e toma corpo na América é que, de vez em quando, atrás das comédias com todos os temperos, dos dramas e das revistas para todos os paladares, os produtores de Hollywood nos dão «Ruas de Nova-York», o «Cidadão Kane» («O mundo a seus pés»), chegam mesmo a comprar a Steinbeck ou a Caldwell os direitos para realizar «Of mice and men» (que entre nós se exhibe com o título «As mãos e a Morte»), «The Grapes of Wrat» ou «Tobaco Road».

A abundância dos Estados-Unidos era real; mas junto de montes de trigo queimados, de cabeças de gado abatidas e calcinadas, de frutas e legumes atirados aos rios, através dos campos e nos bairros das cidades, os homens torciam-se de fome. A América das *girls*, aquela terra em que os vagabundos cantavam *swings* e *blues* e, no dia seguinte, eram milionários, esvaiu-se. Em seu lugar ergue-se a dura realidade da admirável Terra Americana em que os homens sofrem, lutam, são alegres, vivem. A América ganhou em humanidade.

RUI DE CASTRO

Se o homem é modelado pelas circunstâncias, é preciso que também as circunstâncias sejam humanamente modeladas

Divulgação

I

Heraclito é um pensador pré-socrático. Surge nos últimos tempos do fisicismo jónio, e é contemporâneo de

Pitágoras, Xenófanés e até mesmo de Parménides.

A reflexão filosófica começara a esboçar-se, não havia muito, com Tales, pensador jónio, o primeiro dos fisicistas que na sucessão respectiva são: Anaximandro, «êsse gigante do pensamento»¹ em cuja obra se descobre já «o germen do grande princípio da evolução da vida por adaptação ao ambiente»², e Anaximenes. Êstes três pensadores são Milesianos.

Mas, porque teriam surgido em Mileto, e não em qualquer outro ponto, as primeiras manifestações de reflexão filosófica? Em que consiste afinal êsse fisicismo jónio? Quais as relações entre o pensamento de Heraclito e o dêstes pensadores?

Mileto — cidade grega da Ásia Menor, a mais culta e a mais rica das cidades da Jónia — gosava duma posição geográfica privilegiada, pois além da cidade marítima³ era o *centro das relações* da Grécia com o Oriente, onde se tinham desenvolvido as civilizações anteriores⁴ e, passava no século VI a C., por uma transformação social, «que tinha como características essenciais a ascensão das classes populares e o desenvolvimento das instituições democráticas.»

Ê pois natural que os milesianos com boas condições sociais e económicas, em contacto com a ciência dos orientais, e senhores dum racionalismo equilibrado, erguessem as primeiras pedras dum grande e sólido edifício: A Filosofia Grega.

¹ e ² Federigo Enriques — *Compêndio di Storia del pensiero Scientifico*. Bologna, 1937.

³ «... foi nas cidades marítimas e comerciais que o mito deu lugar à teoria e à explicação científica.» (M. Godinho). Burnet faz idêntica afirmação no seu livro *Early Greek Philosophy*.

⁴ O facto de Mileto ser um «centro de relações» é bastante importante. Caraça diz semelhantemente: «a situação geográfica fez dela o centro de relações do Mediterrâneo com a Ásia»; afigura-se-nos melhor dizer «da Grécia com o Oriente» e melhor ainda «do Ocidente com o Oriente».

Os «contrários» em Heraclito

Os *fisicistas* jónios — e daí esta designação — ocupam-se da explicação do mundo em que vivem.

Dois terão sido os seus desejos dominantes: encontrar uma matéria inicial que resista ao transformar aparente das coisas, e erguer uma cosmogonia que substitua as antigas que os não satisfazem já. E, assim, a par de três tentativas de explicação da origem do mundo — entre as quais se eleva, pelo valor, a de Anaximandro — nos aparecem três hipóteses de matéria primeira: a água de Tales, o *apeiron* de Anaximandro (que será talvez uma substância qualitativamente indeterminada), e o ar de Anaximenes.

Partem os três milesianos do pressuposto básico *identidade ou unidade da matéria* ao procurarem solucionar o problema da natureza das coisas, que é, afinal, o traço de união de tais pensadores.

Portanto caracteriza-se esta tentativa de explicação do mundo, que é o fisicismo, pela procura de solução do problema da natureza íntima das coisas, partindo da identidade da matéria — busca do «permanente no evoluir dos fenómenos».

As teses dos jónios são pois «ensaíos que marcam um esforço para explicar o mundo por simples causas naturais e um certo enfraquecimento das ideias religiosas geralmente aceites»¹, o que não significa abandono total do religioso por êstes pensadores, mas sim limite de valor da divindade; passa a ser o ar, o *apeiron* ou a água, a origem das coisas, em substituição dos deuses das religiões tradicionais.

Esta tentativa de revisão do valor das religiões, toma vulto com Xenófanes, o crítico do antropomorfismo, o qual admite um deus princípio de tôdas as coisas, identificado com o ser.

Xenófanes, como Heraclito, retoma a ideia de relativismo esboçada em Anaximandro.

Êste pensador, que certos autores afirmam ser o primeiro dos Eleatas², atinge um considerável poder de abstracção — de

¹ F. Palhoriès — *L'Heritage de la pensée antique*. Paris, Alcan.

² Aquêles autores que opinam ser Xenófanes o primeiro dos Eleatas assentam na doxografia. Autores há porém que, como Burnet, afirmam ter êle sido simplesmente o intermediário entre os milesianos e os eleatas. Mas, se é certo que a sua doutrina não é uma forma perfeita de eleatismo («realmente o eleatismo só entra na sua plena forma como Zenão» — Zeller —), não é menos certo que, pelo progresso sôbre os pensadores antecedentes, pelo seu método filosófico, e até porque, segundo alguns, influenciou pessoalmente Parménides, poderemos dizer com Robin: «Xenófanes é pelo menos de direito o pai da filosofia elíatica».

que Rey se admira, dada a sua proximidade com os milesianos — e distingue, pela primeira vez, o sensível do inteligível ¹.

Ora Xenófanés é, como dissemos de início, contemporâneo de Heraclito; e como igualmente afirmámos já, ambos retomam o relativismo anteriormente delineado com Anaximandro.

Para alguns, Heraclito é um fisicista: continuador dos filósofos de Mileto no momento em que os milesianos, pela decadência da sua cidade se não dedicavam já à investigação e à reflexão. E a razão que leva a considerar-se Heraclito como fisicista, é sem dúvida, a aceitação duma substância primeira: o fogo.

A matéria dos jónios (de Tales e Anaximenes) é qualquer coisa de apercebível pelos sentidos ² de permanente, na qual se realizam os fenómenos. Mas para Heraclito a substância primeira é como que uma fôrça vital pela qual se realizam movimento e transformação. É uma visão dinâmica da natureza, uma filosofia do *Devir*. Este pensador, que cronologicamente ocupa um lugar intermédio entre Xenófanés e Parménides, sofre certa influência do primeiro, enquanto que o imobilismo do ser de Parménides se opõe totalmente ao seu *devir*.

II

A razão de Heraclito não retomar qualquer das hipóteses anteriores sobre a matéria primeira, mas antes, ter adoptado o fogo, encontra-se na sua própria filosofia, que se caracteriza pela representação da natureza por um *processus* — e desta maneira só o fogo, poderia ser considerado como princípio. «Este fogo é vivo, activo, inteligente, sábio, providente; é uma espécie de alma universal que circula através da natureza e constitue tóda a realidade essencial» ³.

A filosofia do Efesiano, é, como se disse, uma filosofia do *Devir*; isto é, uma filosofia que parte do movimento e da variação constante das coisas: tudo *devem*, mesmo aquilo que parece per-

¹ Esta distinção tem grande importância histórico-filosófica porque persiste nas filosofias posteriores.

² Anaximandro eleva-se em abstracção com o seu «apeiron».

³ F. Palhoriès, *ob. cit.*

manecer — o fogo, transforma-se constantemente; constantemente se acende, e constantemente se apaga.

Nesse movimento — no Devir — está afinal a razão de ser do universo; uma vez suprimido esse movimento, não se efectuará «a fuga rapidíssima das coisas, em que um estado se funde com outro, e os próprios contrários se unem num todo só»¹, fuga essa que gera afinal tôdas as coisas.

Poderemos considerar na filosofia de Heraclito dois princípios: o *uno* e o *devir*.

Já vimos em que consistia esse devir e qual o valor que este pensador lhe atribue. O *uno* representa a correlação dos *opostos*².

Existe uma correlação de opostos, mas essa correlação será mais uma harmonia que propriamente uma unidade. Poderemos explicar esta correlação dos contrários assim: «Heraclito quando diz que o dia e a noite são uno, não quer dizer que o dia seja noite ou a noite seja dia, mas que há duas faces do mesmo processus, e nenhuma é possível sem a outra»³. Portanto, tudo depende dos contrários⁴.

As qualidades opostas que a experiência nos indica não têm senão uma existência relativa: os opostos estão em inteira correlação — existe uma harmonia dos opostos.

Dois princípios regulam todo o movimento e toda a transformação: a oposição e a harmonia.

A oposição explica todo o devir, que não é mais do que uma harmonia de opostos: «em nós, o fogo transforma-se perpétuamente em água, e a água em terra; mas como o processus contrário se segue ao mesmo tempo, parece que ficamos sempre na mesma»⁵.

A lei de harmonia regula toda a transformação: «segundo a lei da harmonia o fogo inflama-se e apaga-se segundo uma ordem plena de saber...»⁶.

¹ Fragmentos do Heraclito; in Burnet, *ob. cit.*

² Os opostos são, como o próprio Heraclito diz, aquilo que é talhado em sentido contrário.

³ Burnet, *ob. cit.*

⁴ A mobilidade resulta dos contrários em luta, tenderem sempre a substituírem-se uns aos outros. Cf. L. Robin, *La pensée Grecque* — Paris, A. Michel.

⁵ Burnet, *ob. cit.*

⁶ F. Palhoriès, *ob. cit.*

III

O pensamento de Heraclito parece enfermar duma contradição interna: a admissão simultânea do uno e do múltiplo. Mas este pensador resolveu a aparente contradição: o múltiplo e o uno coexistem, e só a existência do uno pode implicar a existência do múltiplo como a existência do múltiplo implica necessariamente a existência do uno: «o mundo é ao mesmo tempo uno e múltiplo, e é justamente a *tensão contrária* do múltiplo que constitue a unidade do uno»¹.

E surge daqui um problema: teria Heraclito descoberto um princípio lógico ou «a identidade, na diversidade e pela diversidade, que êle proclamava era puramente física»?

Autores há que optam pela primeira hipótese, enquanto outros aceitam a segunda.

Burnet, um dos partidários desta última, diz-nos que o êrro da primeira está nos seus defensores assentarem na afirmação de Hegel — «não há uma proposição de Heraclito que eu não tenha adoptado na lógica» — para concluírem imediatamente que o princípio é lógico. E, em defesa da sua hipótese diz-nos Burnet: «a lógica não existia ainda, e como o princípio da identidade não tinha sido formulado, seria impossível protestar contra uma aplicação abstrata que não tinha sido feita».

Mas, abandonando a discussão sôbre o carácter lógico ou puramente físico de tal princípio, poderemos assentar em que a frase de Hegel sòmente quere dizer que o pensamento de Heraclito exerceu certa influência sôbre tal filósofo².

É Hegel quem nos diz: «Heraclito foi o primeiro a formular a natureza do infinito, — o primeiro a conceber a natureza infinita em si e a sua essência como processus. *A partir dêle começa a existência da filosofia*».

M. BREDÁ SIMÕES

¹ Burnet, *ob. cit.*

² Heraclito marca um progresso considerável sôbre os seus predecessores: pela primeira vez surge a idea duma razão interna das coisas; a ligação do múltiplo ao uno explica-se por um duplo movimento de opposição e de harmonia que faz muito naturalmente pensar, ainda que de uma maneira distante, na dialéctica de Hegel. — Cf. F. Palhorès, *ob. cit.*

ELA

Admiram-na. Tudo o que faz e planeia tem bom êxito, dentro e fora do lar, na educação dos filhos, na profissão que exerce.

— « É uma mulher superior! »

— « É uma mãe felizarda! »

E logo a invêjazinha mais baixo:

— « Tem sorte! »

Será de espantar? Uma influência misteriosa desprende-se de todo o seu ser, do seu sorriso franco e alegre, do seu espírito desanuviado e sereno.

Quantas e quantas vezes a sua proximidade, só por si, acalma e dá confiança! Mas nem por isso, deixa de ser simples, encantadoramente simples.

De onde lhe vem tamanha fôrça interior? Em que nascente vai ela sorvê-la?

Habilidade, dizem uns; nobreza de carácter afirmam outros. E o mais curioso é que garantem a pés juntos que nem tudo são rosas na sua vida. Também precisa de lutar para vencer, de lutar muito... muito...

...E vence sempre.

Cada passo na vida tem suas causas, e é a resultante de uma acção ou de uma reacção.

Ela não foge às leis da Natureza, quando se trata de vencer e triunfar seja no que fôr. A infelicidade e a desgraça batem-lhe à porta como à de qualquer mortal. Considera-as porém, simples acidentes do seu caminho. A linha recta do destino talha-a ela própria com a sua vontade forte e a sua perseverança inquebrantável.

Por experiência sabe muito bem que todo o pensamento é uma fôrça dentro da alma. Constroi ou destrói, anima ou desanima. Eles ocupam lugar primordiacial nas decisões que tomamos e trabalham de antemão a nossa derrota ou o nosso triunfo.

Que faz então? Enche-se de optimismo, porque o desalento é o primeiro passo perigoso quando se trava uma batalha.

Dificuldades também as tem e não são poucas. Os filhos que crescem e os rendimentos que diminuem; a vida cara e insupportável, monótona, enervante por vezes e sem grandes esperanças em melhores dias. Mas, podia ainda ser pior...

R U M O

Ao grito «...rumo ao Norte!»
cada peito da grande embarcação estremece.
O eco repete «...rumo ao Norte!»
e as fôrças são já outras, sendo as mesmas,
e o calor é já outro, sendo igual.

Que importa a tempestade, o gêlo ou mesmo os lodos?

Homem,
rumo ao Norte,
rumo que é meu, é teu, é de nós todos!...

M. NUNES COSTA

Em todo o caso, nunca ladeia a tormenta e encara os acontecimentos pelo lado melhor e de frente.

Emquanto as suas amigas se lamentam por tudo e por nada chamando em seu auxílio o mundo inteiro, implorando compaixão, ela poupa os nervos e mantém-se firme no seu posto.

Consegue sempre ver claro onde as companheiras só vêem escuro e com esta fôrça moral e a sua coragem virilizada, o destino açoita-a duramente, fere-a em pleno coração, chega a vergá-la mesmo, porém nunca a vence.

Política real da vida, confia sempre na providência e no seu ânimo, mesmo quando uma montanha parece ruir.

É com que providência afasta dos entes queridos os perigos que os ameaçam!

O seu lar é um modelo. Ali respira-se paz e ordem, harmonia e bom gôsto, delicadeza e ternura. São todos por um e um por todos no verdadeiro sentido da família cristã bem organizada.

MARIA OLGA.

A MULHER PERANTE OS BIÓLOGOS

por INÊS GOUVEIA

Para muitas pessoas, a mulher não será nunca mais do que aquilo que já era para Schopenhauer:—um animal de cabelos compridos e idéas curtas.

Partem desta convicção como dum axioma inatacável pelos factos, pelas necessidades, pela vida. E tomam o que há de particular numa dada civilização e em certo momento da história do homem, como a própria natureza *estática e eterna*.

Quando tais pessoas representam consciencemente um papel interessado na manutenção do seu *statu quo*; ou quando se exprimem como humildes joguetes de condições que presidiram a uma formação preconceituosa, temos apenas que denunciar umas e lamentar as outras, tentando elucidá-las.

Onde porém a existência de prejuízos e de concepções regressivas acêrca da mulher assume mais particular importância é entre os homens de ciência.

Quando falamos de homem de ciência, queremos referir-nos àquêles biologists conhecidos pela sua honestidade e competência em problemas médicos ou amorosos, a quem o público, desejoso de esclarecimento sereno e objectivo de questões que aos seus olhos apparecem confusas e confundidas, normalmente se dirige ¹.

É que os cientistas são homens como os outros, susceptíveis das mesmas paixões, dos mesmos juízos apriorísticos e confusões semelhantes. Todos revelam, como não podia deixar de ser, até nas concepções mais puramente científicas, a influência decisiva de certos factores: a formação, o ambiente, o seu condicionamento

¹ Referindo-nos aos cientistas competentes e honestos, queremos excluir aqueles que se servem da ciência para especularem com a curiosidade do público, com intuitos comercialistas ou edificantes e vêm assim a cair numa attitude bem mais perigosa do que o cientismo limitado mas bem intencionado. É o que succede por exemplo, com o volume recentemente publicado e apparecido nas montras portuguezas: *Problemas sexuais*, « estudos » de Tristão de Atafde e outros.

de classe. Há grandes homens de ciência que são místicos, partidários de qualquer metafísica, há os supersticiosos, os que se não sentam à mesa onde estiverem 13 pessoas, etc. É que caem, por vezes, nas suas obras, até ao ponto de *justificarem* os próprios prejuízos ou superstições pueris, com deduções extraídas dos princípios objectivos da ciência a que se dedicam.

Problemas que, como a determinação da natureza da mulher em confronto com a do homem, mergulham directamente as suas raízes em conhecimentos de sociologia e história necessários para uma boa visão mesmo biológica, são frequentemente apresentados por muitos biólogos de valor através das suas concepções de homens comuns, com aspecto de serem resolvidos objectivamente.

É um caso bem característico a velha discussão em volta da pretensa superioridade de um dos sexos sobre o outro. Hoje é geralmente aceite que não se trata nem de superioridade nem de inferioridade da mulher, que o que há é diferença. Mas, invocando razões científicas (de ciência exclusivamente biológica), alguns homens de ciência vão lançando à conta de diferenças *naturais* certas *qualidades* da mulher que, pelo menos é lícito supor-se, resultam da sua inferiorização real na sociedade. *Biologicamente*, afirma Gregório Maraño, a mulher é um organismo paralizado, tanto quanto importa à sua evolução, na adolescência, pela necessidade de especializar uma grande parte da sua actividade para a função *transcendental* da maternidade. É sobre esta *transcendente* maternidade que, servindo-se dos conhecimentos de Maraño biólogo, o filisteu¹ Maraño constroi toda uma teoria metafísica da natureza própria de cada sexo e pretende concluir de análises meramente biológicas concepções que implicam conhecimentos bem diversos dos da sua especialidade, embora estes sejam também necessários. ¿Como é que pode afirmar-se, só pelo simples facto de que a mulher é mãe, que a «maternidade é a chave para a compreensão da psicologia feminina, assim como da sua anatomia»?² ¿Ou, como o faz

¹ A expressão «filisteu» é empregue por autores alemães para designar o homem vulgar, que navega na mediocridade.

² Cfr. Kenneth Walker, *The Physiology of sex and its social implications* — Penguin Book — Londres, 1940, onde, no entanto, os primeiros capítulos sobre fisiologia são um modelo de clareza e compreensão.

Marañon, que «ela experimenta uma inclinação para a vida amorosa só utilizando o homem como um desvio para um fim maternal»? ¿Será a mulher, orgânica e espiritualmente um ser sacrificado à tragédia da procriação, com a vida absorvida inteiramente por ela, enquanto o homem busca no contacto com a sua companheira apenas uma satisfação pessoal e física? ¿Podemos dizer, como Walker, que o homem está, tanto fisicamente como psicológicamente, preparado em particular para aprivisionar a mulher e protegê-la, bem como à sua família?

Tudo isto, e muitas outras afirmações de certos homens de ciência honestos mas que são também filisteus, nada tem que ver com a biologia e contribui objectivamente para entravar o progresso da mulher que, felizmente, as condições de vida vão impondo como uma necessidade.

Quando sôbre a mulher têm impellido inibições que a impedem de exercer completamente as suas actividades e demonstrar aquilo de que é capaz, ¿como pode fazer-se uma análise, formular-se uma teoria objectiva daquilo em que consiste a sua natureza? Infelizmente (ou talvez felizmente!) na sociedade não podem ensaiar-se experiências como nos laboratórios. Qualquer acção dos homens é um passo na história humana e já não pode voltar-se ao estado anterior.

De que a mulher se conservou durante muitos séculos enclausurada nos castelos, etc., ou foi considerada um mero instrumento caseiro ou de prazer, não pode concluir-se que isso lhe seja uma característica inerente e que ela é incapaz de exercer sem masculinização, actividades profissionais. Pelo contrário, todo o sentido da existência moderna apresenta um desmentido a tais suposições.

A mulher por tóda a parte desenvolve útilmente a sua actividade produtiva e nem por isso há perigo de extinção da espécie ou redução dos sexos a um apenas.

Num vasto país recentemente industrializado, ela contribuía em 1933 para o trabalho industrial com a proporção de um terço de mão de obra total, fornecendo a soma de 9.000.000 de braços.

E a-pesar-do caminho andado, quantas inibições pesam ainda sôbre a personalidade da mulher, deformando-a, recalçando-a, impedindo-a de se realizar?!

Inibições de tal ordem mistificadoras que os próprios biólogos as tomam como sendo a natureza objectiva do nosso sexo.

UM CAPÍTULO DE ROMANCE

por JOAQUIM FERRER

Por cima do Vale do Mosteiro vinha uma grossa avantesma carregada de chuva, relâmpagos e negridão. Nas arestas da Pedragulha roçavam outras que tais, bojudas, amaldiçoadas, prenhes de escardoça, a tomar formas extravagantes, a avançar e a rolar num crepúsculo fora do tempo.

Do sol nem um fio de luz. Ia tudo enegrecendo, o céu e tudo.

Ovelhas e cabras do monte desandavam em busca de penhascos cavernosos. Os pastores de palmo e meio, de calça rachada nos fundilhos, enterravam a carapuça de borlota nas orelhas, galgavam tojeiras e rebóis. Iam alapar-se sob as fragas suspensas nos esteios da Prehistória. Com dois dedos entre os beíços gritavam assobios e numa debandada em tropel cabras, bodes e carneiros vinham acoitar-se nas antas da Pedra-Lascada.

Há quantos mil anos andavam os homens, desconfiados e cabeludos, alombando e erguendo aquelas tremendas pederneiras mais lapudas do que dez bois!

Quantos trovões e vendavais embateram de encontro àquelas pedras deshumanas a provocar o céu! Quantos mastodontes roçaram a tromba nos pilares erguidos pelas mãos primitivas! Quantas e quantas vezes bêstas bravas do monte andaram nos séculos a fazer esterqueira daqueles Templos!

Himenolatria, restrição de direitos, remuneração inferior, incompreensões, são outros tantos prejuízos.

Só depois de êles serem franqueados, livre assim a natureza biológica da mulher para se evidenciar, revelando aquilo de que é capaz e incapaz, aquilo em que se assemelha ou diferencia do homem, poderão os biólogos extrair do estudo biológico de cada um dos sexos, juízos objectivos sôbre a sua natureza.

A humanidade ingente do Princípio devia acolher-se ali como Depois se acolhera sob os colmos, alpendres e catedrais...

As águas precipitadas do céu paravam ali, deslizando ao longo dos esteios. Naquelas tormentas dos Inícios, iluminados pelo risco eléctrico do raio, deviam surgir entre as pedras colossais, cabeças desconformes, de olhos sumidos em sobrecechos enxertados na grenha hirsuta.

E os Tempos rolaram e as Feras passaram; as invernias rebentaram e as humanas fronteas alargaram: tudo rolara, tudo passara, tudo mudara: só a tempestade permanecera, e alguns pequenos d'homem, de calça rachada nos fundilhos continuaram a colher a paz daquêles Templos...

O dia fechara-se de repente. Um ribombo rolava pela montanha e entrava como tromba pelos abrigos dos pastores e pelas tocas do texugo.

— Mééé...! Mééé...! bramavam os pastores com amba'las mãos a guiar o som.

— Mééé...! clamavam écos soturnos pelas quebradas da serra.

— Comatí! Comatí! Ucha! ucha!... Mééé...!

Comatí, peludo e grande, saltava de entre o gado e rompia nos bitouros à cata de cabritôa tresmalhada.

As bagas de chuva, grossas como repôlhos, faziam um chapadoiro na pedragôa dos dólmenes.

— Mééé...! Mééé...!

O-da-Ponte recontou mais uma vez as cabeças cornudas de olhos esgarçados a compreender quási a natureza em revolta. Franzia a testa a contar pelos dedos: e a tremer, quási a chorar lançou um olhar desesperado para o Chico:

— Falta uma! a cabrita môcha...

E tornou a gritar ao longe, as mãos ambas em campânula:

— Mééé...! Mééé...!

Pareciam aqueles sons penetrar a própria rocha, revolver a terra funda: a voz humana, fraca, frágil chorava na tempestade...

A cabrita môcha, perdida, estropiada, abafada nalgum sorvedouro era o desastre, o drama, o Velho da Ponte surgindo em ira.

Há mil, mil e mil anos as nuvens escarvando na serra arpanhavam o saibro e o barro que punham côr nas torrentes.

E por ali abaixo, de fraga em fraga, de penha em penha, engrossavam a corrente e desembocavam pelas ruelas de Crispim até caírem na Ribeira.

Na aldeia, portas a dentro, andavam as mulheres a fazer fumo de alecrim e a pedir a Santa Bárbara; quando estourava trovão mais forte erguíam todos mais a voz:

— São Gerónimo! Santa Bárbara!...

— Santa Bárbara!...

— ...Magnífica as nossas almas!...

A tempestade rolava. E enquanto defumavam a casa de alecrim bento, o dr. Rezende entrava na varanda, e contemplando um momento o clarão do relâmpago, puxava um pouco a calça e sentava-se a tocar violão.

Era terrível aquela cena. Adrião vinha esmagar a cara na vidraça a olhar o papá. Nosso-Senhor a ralhar, a ralhar do céu contra os pecadores, a mandar raios de relâmpagos e chuva de escardoça: e o papá de sorriso na bôca a tocar violão!...

Prendia aquela música, aqueles sons medonhos e quasi humanos acompanhados pelo trovoar do céu. E os tons mais cortantes, muito longos eram como a ventania ao fundo do corredor...

Às vezes, o estrondo de um raio em zigue-zague alucinava de repente a cara dêle e fazia saltar uma luz estranha nas cordas do violão. E parecia que o estrondo entrava na música: era como um espantoso instrumento de Deus!

Aquela cena arripiava-lhe as carnes — e todavia fascinava-o! Sentia os sons enormes, profundos, envoltos da luz fantástica dos relâmpagos: e aquilo percutia-lhe os nervos, como um excitante, como um prazer perigoso.

A cara dêle na luz súbita dos clarões, reflectia uma serenidade espantosa e algo de inexprimível beleza. E o menino surpreendia aquela humanidade estranha no rosto de seu pai. Êle sentia uma atracção e tinha medo de a sentir.

E à noite, ao deitar, curvado nos lençóis, erguia as mãos a Deus a pedir pelo papá...

Lá em cima, na serra, levantara-se a ventania. Ao longe, por cima da Pedragulha, clareava um pouco. O ar pesado abria-se em funis luminescentes donde se precipitam rajadas de vento.

Uma fina poalha de chuva andava enrodilhada na folhagem e nas pernas inteiras que zuniam pelo ar. Um enorme tóco ramalhudo estrondeou de encontro à pedra d'anta. No fundo, no mais negro do fundo encolheram-se transidos os quatro pastores. Uivos ao longe. O-da-Ponte soergueu a cabeça. Um ai na garganta. Olharam-se, tremendo. O gado, em tórno dos pastores, bramou de pavor embuçando as cabeças na lã duns e doutros.

Um uivo, e outro e outro. A escuridão do fim do dia começava a descer. De entre aquela massa de lã, de gaípos, de medos, levantou-se uma voz em padre-nosso... O-da-Ponte suspirou:

— Que danada sorte, não saber ao menos o padre-nosso... E era preciso salvar a cabrita môcha!... Mééé...! Mééé...! Ao menos havia de berrar, berrar enquanto houvesse forças: Mééé...! Mééé...!

Bruscamente, sôbre uma tojeira chamuscada, surdiu Comatí ao rabo da cabrita môcha.

— Mééé! Foi uma alegria. Não havia raio nem lôbo que assombrasse o grande Comatí!

— Ah, Comatí dum raio!

O cão vinha afagando, deitando fumo pelas ventas. Entraram ambos a escorrer água da pelugem: Comatí a sacudir-se, arreganhando o focinho ainda com cheiro de lôbo e a cabritinha a roer ainda uma antagónia do monte. O-da-Ponte sentiu uma alegria, sentiu vir-lhe um apetite. E ajoelhando entre o gado, estendeu o pescoço, enfiou a grenha entre as pernas duma cabra: cerrou os olhos numa delícia a sugar da teta o leite quente e bom. De tempo a tempo dava na concha da mão um esguicho de leite e estendia o braço com aquela oferenda: Comatí, patudo e grande, rompia a língua de entre os dentes e rapava aquilo num instante...

Quando discutimos já não há superior nem inferior nem títulos nem idade nem nome. Só a verdade conta e, diante dela, todos somos iguais

ROMAIN ROLLAND

S O N E T O

Vai na lagoa um cheiro de maré,
cheiro de juncos— o que a tarde teve!
Mulheres da monda mondam na maré,
de joelhos nus, ao sol dum dia breve.

Aquieta-se em modorra a planície;
os olhos das mulheres gotejam sono.
E' quási raiva a praga que se disse
à carne arripiada do outono.

Asas descem o dia— um olhar estreita
aves e campos. Sob os céus doirados,
juncos colhidos sob um sol de mágoa.

Corre a lagoa um frio de maleita.
— Cora, cachopa! Os sapos abismados
olham teus seios pelo espelho de água.

CARLOS DE OLIVEIRA

(de *Gândara*, a publicar)

Impressões de leitura

«Babbitt» de Sinclair Lewis — «O último civil»,
de Ernst Glaeser

Estas notas não são mais do que o produto de algumas leituras de férias e pretendem apenas traduzir, sem pretensões de crítica assente, considerações acêrca de algumas obras que julguei oportuno apresentar à atenção dos leitores que porventura as desconheçam.

Trata-se de dois romances de características diversas, de autores com nacionalidades diferentes, com acções que se desenrolam no ambiente de povos distintos. A-pesar disto, ambos se integram numa visão comum da realidade e, exprimindo embora aspectos condicionados pela localização e forma nacionais, ressaltam dêles, bem nítido, o traço de união entre os homens de tôdas as latitudes a braços com problemas que uma estrutura económica e social idêntica tornou, na essência, idênticos também.

Dentro da literatura é, sem dúvida, o romance a modalidade que exprime, duma forma menos limitada, a personalidade do autor. Na poesia, o escritor fala, em geral, directamente de si e, ainda quando evoca aspectos exteriores à sua personalidade, é dos seus sentimentos e estados de espírito perante êsses aspectos que cuida, de maneira que a personalidade artística do poeta sobrenada os materiais que acumula na sua poesia. Bem ao contrário, no romance a personalidade criadora do autor aparece diluída na acção e tende a dar a sua visão da realidade, sim, mas, uma visão que esteja implícita nessa própria realidade a que, por assim dizer, é subjacente. O romance é portanto naturalmente muito mais objectivo do que a poesia — a vida surge nêle com maior densidade e, através das suas páginas, apresenta-se à nossa consideração pela experiência que lá está expressamente condensada, enquanto o processo de comunicação da vida na poesia se faz pela evocação sentimental de estados de espírito provocados por uma experiência cujo conhecimento se pressupõe fora do poema ou se sugestiona para depois da sua leitura.

Tendo o romance sempre, de certa maneira, uma natureza objectiva, êle é, mais do que qualquer outro género literário, ade-

quando a exprimir a vida para no-la dar a conhecer e ajudar-nos a *vivê-la* não apenas como corre ao pé de nós mas também como brota das múltiplas paragens do mundo.

Eis porque o romance tem também um maior interêsse universal do que a poesia.

Tomemos, por exemplo, *Babbitt*, romance de Sinclair Lewis, prémio Nóbél de 1930, que estas férias me chegou às mãos numa tradução brasileira menos má do que é costume (1935 — Editora Guanabara — Rio de Janeiro). O autor é norte-americano e o ambiente da obra a sociedade dos Estados- Unidos. É a vida do pequeno-burguês, do *businessmann*, que vem ao nosso encontro, apresentada através das grandes e pequeninas coisas, do mecanismo psicológico que a vida dos negócios engendra, da escravização do dia a dia profissional e familiar e das ânsias de libertação recalcadas, no meio duma concorrência em que cada um pretende esmagar os outros para *subir*.

Pode, ao abrirem-se as primeiras páginas do livro, não se ter qualquer idéa do mundo em que o autor nos vai introduzir, ou ter-se uma idéa falsa. Nem por isso a América do Norte deixa de nos ser apresentada por Sinclair Lewis, vista por dentro, na sua complexa e desconcertante realidade.

«Babbitt» é o nome do personagem central do romance. Mas Babbitt é, ao mesmo tempo, um caso e um símbolo. É um caso, o seu, *aquele* com particularidades individuais; mas é também um símbolo de todos os que estão em condições idênticas, daquêles a quem o mesmo automatismo de vida criou traços comuns de personalidade, em suma, o símbolo duma classe. O grande valor de *Babbitt* consiste na forma por que, sendo um romance de análise, em certas passagens minucioso até, sabe não perder de vista a síntese do conjunto que há-de resultar de todos os pormenores. Sinclair Lewis não desce a escavações pelo simples prazer de fazer malabarismos; analisa objectivamente, só na medida em que o delineamento do romance, o erguer das suas figuras e ambiente o requiere. A psicologia de Babbitt tão depressa nos é dada em quatro traços precisos como se depreende na prática, através da actuação do personagem central na vida concreta. Por vezes não falta um pouco de ironia mas a própria ironia nos ajuda a compreender a realidade a não a afastar-nos dela.

Repare-se nesta passagem em que a mentalidade dum pequeno-burguês, integrado no pensamento oficial, joguete de realidades

sociais que se lhe impõem, surge delineada: «Assim como era um «Alce» um «Booster», um membro da Câmara do Comércio, assim como eram os ministros da igreja presbiteriana que determinavam a sua crença religiosa, e os senadores que dirigiam o partido republicano que decidiam em Washington o que êle devia pensar sôbre o desarmamento, as tarifas aduaneiras e a Alemanha, assim eram os grandes anunciantes nacionais que regularizavam tôda a sua vida exterior e lhe davam o que êle dizia ser a sua personalidade. Êsses objectos declarados como mercadorias-tipos, pastas dentífricas, meias, pneumáticos, aparelhos fotográficos ou aquecedores instantâneos, eram para êle símbolos e provas de excelência, indícios de alegria, de paixão, de sabedoria». Lewis usa discretamente mas com felicidade dum processo vulgar entre os modernos romancistas norte-americanos, que consiste em suspender o fio de acção romanesca para, de vez em quando, dar uma cêna análoga à que se estava a narrar, passada à mesma hora noutra ambiente social.

Por exemplo: «Babbitt» vai se deitar, depois de pôr o carro na garagem e de, como costume, passar a vida do dia em revista, pensar no que há-de fazer no dia seguinte, no «deve» e «haver» do seu estabelecimento. E à hora em que Babbitt se alheia da vida, Sinclair Lewis faz passar como num filme, rapidamente diante de nós, o que vai nas outras casas da mesma cidade — Zénith: «À mesma hora, morre um veterano da G. A. R. (nome dado às tropas do Norte, de 1861, na guerra civil). Viera para Zénith ao terminar a guerra; jamais andara num automóvel, nunca vira uma banheira, nunca lera outra coisa além da Bíblia e das brochuras religiosas de Mac Guffey, acreditava que a terra era chata, que os Ingleses são as dez tribus de Israel e os Estados-Unidos uma democracia»... Etc. «E a essa mesma hora, George F. Babbitt voltava-se pesadamente no leito, alheio a tôda essa vida nocturna». É assim que Sinclair Lewis retoma o fio de acção; mas, depois dessa rápida digressão, o leitor está mais apto a dominar a personalidade de Babbitt, a sabê-la integrar no ambiente de Zénith.

Ao lado de Babbitt, na sua vida familiar, profissional ou de sociedade aparecem dados, por vezes em poucos traços mas sempre nitidamente, os vários tipos duma cidade comercial e industrial americana. A humanidade dos personagens depreende-se através da sua actuação na vida, uma vida perfeitamente locali-

zada tanto no tempo como no espaço mas que vem acordar no homem dos outros países uma ânsia de libertação cada vez maior das contingências sociais adversas.

Nisto reside o valor, direi mesmo, a grandeza do romance de Sinclair Lewis.

Se de *Babbitt* passarmos para *O último civil* de Ernst Glaeser (tradução brasileira — Livraria do Globo — Porto Alegre), dando um salto da América do Norte para a Alemanha, encontraremos um panorama totalmente diverso e, no entanto, com traços duma identidade flagrante. Os anteriores romances de Glaeser foram já traduzidos para a nossa língua: *A paz* em tradução portuguesa de Campos Lima e *Classe 1902* em tradução brasileira. Destes dois livros, o primeiro é um quadro extremamente fiel e sugestivo da Alemanha de 1919, quando da queda do império e subsequente agitação social; o segundo dá-nos os sacrifícios da guerra de 14, através da mobilização consecutiva de classes militares cuja juventude ia ficando perdida nos campos de batalha.

Em *O último civil* a acção é mais recente, pois decorre já nos anos que precederam a advento do hitlerismo. A crise social da Alemanha, a consequente intranquilidade, o descrédito da república de Weimar, a depressão económica desses anos deram a Glaeser, que devia ter vivido tudo isso intensamente, matéria para um belo romance. Não se julgue porém que *O último civil* é apenas uma crónica de acontecimentos reais descarnada de qualquer acção romanesca. O real é-nos dado através duma recriação que o exprime mas não se limita a ser uma mera anotação narrativa de factos e pessoas. Os dramas económicos daqueles anos de crise, as angústias ideológicas reflexas, a dilaceração das consciências, a mistificação dos demagogos e predicadores messiânicos ao serviço de interesses inconfessáveis em *O último civil* tomam a forma de personagens de romance com uma psicologia própria e simbólica, agindo e pensando dentro da acção de conjunto. A figura de «o último civil» é a de um individualista dos tempos do Kaiser emigrado para a América que regressa à Alemanha, enriquecido pela indústria, para viver entre o seu povo aquilo que julgara ser a felicidade da república de Weimar. Em lugar disso, porém encontra um povo que a derrota militar não curvou, dilacerado pela crise económica, no meio do qual cada um procura «A Solução», uns pelo caminho da desforra, outros pela edifi-

Movimento Científico Internacional

ALEMANHA

É de notar o desenvolvimento que vai tendo especialmente na Alemanha e nos U. S. N. A., a ideia do aproveitamento da energia solar. Assim é que no seu 1.º número de Julho de 1941, *Signal* noticiava resumidamente um projecto do Dr. Wilhelm Mayer para uma máquina solar capaz de fornecer a bonita cifra de 300 cavalos-vapor.

Na sua estrutura fundamental o projecto consiste em dois grandes aparelhos de captação munidos de potentes reflectores e espelhos, accionados de forma a receberem perpendicularmente os raios solares.

Cada reflector tem no seu foco uma pequena caldeira com óleo que os raios enfiados aquecerão a 300 graus centígrados. Das caldeiras o óleo fervente segue pelas

canalizações até à casa das máquinas onde misturado com água, dá o vapor necessário para accionar uma máquina capaz de elevar a água de um rio ou lago canalizando-a depois para as plantações. O óleo voltaria a ser separado da água e enviado para as máquinas de captação. Uma parte do óleo fervido serviria para aquecer um acumulador de calor, construído com grandes blocos de betão atravessados por tubos de ferro, a 300 graus centígrados. A energia solar aí acumulada devolveria o calor ao óleo nas horas de fraca irradiação ou mesmo durante a noite.

O projecto é apresentado como tendo possível e eficaz aplicação nas regiões áridas africanas.

cação na paz, com uma máquina de estado liberal que é uma farça para iludir o estrangeiro e sofrer as responsabilidades das negociações com os vencedores. E ele, o último civil, caminha de desilusão em desilusão, até que o mesmo panorama agravado o faz retomar voluntariamente o caminho do exílio donde viera.

Com Ludwig Renn e Remarque, Glaeser pertence à falange dos escritores alemães cujo estilo desabrochou no alvorecer do II Reich. A arte de ambos não foi apenas descrição mas vida intensamente vivida e consciente. Como o personagem central do seu romance, também Glaeser se viu forçado a procurar, no exílio com Tomaz Mann, Emil Ludvig, F. C. Weiskopf (que publicou um admirável romance também — *La tentation* — sobre os anos da crise alemã de 31), a comunhão com a Germânia-espírito, que é a Alemanha eterna dos artistas, dos filósofos, dos grandes pensadores sociais, enfim a Alemanha de Goethe, de Heine, de Hegel, de Liebknecht, de Beethoven...

ARMANDO BACELAR

FRANÇA

Numa comunicação feita à Academia das Ciências, em 9-7-1941, M.me Bourdoul demonstrou que nas flores das iberides, goivos e lírios, a percentagem de ácido ascórbico varia conforme os órgãos e o seu desenvolvimento. A abertura dos estames corresponde uma diminuição e o pólen maduro e seco é muito pobre em ácido ascórbico. O ovário torna-se rico de ácido na flor fechada, empobrece enquanto os estames se abrem e enriquece de novo no momento da fecundação até que por fim volta a empobrecer quando os estigmas cáiem.

Da Revista *Le Cinéma Scientifique*, n.º 3073 de 15-9-1941.

Também numa comunicação feita à Academia das Ciências, R. Gautheret conta a forma como aplicou as técnicas da cultura dos tecidos animais aos fragmentos das plantas. Fazendo experiências em rizanas ou raízes de hopinambos, cercefrís e endúria (espécie de chicória), apenas obteve francos resultados quanto a esta última. A endúria desenvolveu-se de forma exuberante, com as suas raízes e hastas cobertas de fôlhas. Quanto às outras os progressos foram menos importantes.

(*Idem*).

Noutra comunicação, P. Lehmann conta como conseguiu proteger eficazmente a pele e a mucosa faríngeo-laríngea e a do olho, com uma aplicação de adrenalina-stovaína em pomada com banha de porco pura benzoinada para a pele, e em solução na glicerina para as mucosas. Isto permite aumentar a penetração dos raios X para o tratamento dos cancro radiorresistentes e dos cancro superficiais acessíveis por uma única via.

(*Idem, idem*).

Inventou-se um aparelho astronómico, o chamado *Coelestium*, para observação das estrelas. O amador e aprendiz de astronomia, no começo dos seus estudos, encontrava-se geralmente embaraçado em situar e reconhecer as diversas constelações. Os mecanismos que têm sido imaginados para reproduzir o movimento dos astros, eram sempre muito caros embora muitas vezes engenhosos. O aparelho agora imaginado é de uma extrema simplicidade, portátil, luminoso, acrescentando ainda a estas outras qualidades que facilitarão as observações e seduzirão os novos observadores.

(*Idem, idem*).

GRÃ-BRETANHA

A medalha inglesa Jannes Watt, instituída em 1936 e destinada a premiar os autores de notáveis trabalhos da engenharia, foi concedida recentemente ao sábio eslovaco professor Aurel Stodola, agora residente na Suíssa. Os aperfeiçoamentos introduzidos por A. Stodola na turbina a vapor estão tendo notável repercussão na moderna construção mecânica.

Há pouco tempo foi concluído por um engenheiro escocês um «mineiro automático» capaz de fazer a extração da hulha em jazigos abruptos com sessenta graus de inclina-

ção. A vantagem obtida reside na substituição do emprêgo da mão de obra humana, em tais casos difícil e mesmo perigosa, por algo que dá perfeitos resultados.

Fundamentalmente consiste na colocação engenhosa de um guindaste hidráulico no cimo do corte, guindaste que dirige o extractor mecânico com facilidade, certeza e segurança. O martelo-picareta automático está ligado ao guindaste por um cabo de solidez bastante para poder içar o extractor a 7 velocidades diferentes ao longo do corte.

Há dispositivos de segurança em todos os pontos de manobra. A tensão do cabo não pode ultrapassar um certo máximo e se os dentes do martelo-picareta se tornam embotados ou a máquina encrava devido a bocados

Crítica de livros

PLANO INCLINADO — romance de Afonso Ribeiro —
Pôrto, 1941.

ESTEIROS — romance de Pereira Gomes — Edições Sirius
— 1941.

Ambos estes romances, saídos simultaneamente nas duas mais importantes cidades do país, vêm comprovar a existência dum movimento de renovação do romance português. Essa renovação faz-se no sentido de transpor as barreiras do realismo naturalista do século XIX e do analismo psicológico do romance subjectivista de Almada Negreiros e dos literatos da *Presença* para um campo de projecção social em que se fundem ambientes, acção e personagens.

Enquanto para o romance camiliano o homem é um ser linearmente subjugado às forças do bem e do mal, para o realismo «à Eça» um ente dominado por impulsos biológicos da natureza da espécie (embora exprimindo-se socialmente) e para o interiorismo um homem psicológico, joguete de sentimentos e instintos complexos brotando, incondicionados, das profundezas do espírito, o romance neo-realista vê no homem uma entidade medularmente social cuja autêntica natureza só pode ter expressão concreta quando integrada no mundo de relações que a condicionam e sobre que reflexamente influi.

O neo-realismo é, entre nós, um movimento de recente data e ainda não atingiu aquêl equilíbrio que noutros países já alcançou. Os primeiros contos e romances começaram a aparecer desde 1938 e 1939, com Alves Redol (*Gaibéis, Nasci com passaporte de turista, Marés*), Afonso Ribeiro (*Ilusão da Morte*) e Joaquim Ferrer (*Rampagodos*), e encontraram um ambiente hostil quer da parte dos que exigiam uma perfeição que não podia, logo de início, ser atingida quer por condições de clima ideológico que se opunham a uma apresentação da vida liberta de preconceitos.

Deixemos porém estas considerações e vejamos, em termos breves, numa apreciação crítica necessariamente apressada, o que significa, dentro do romance português neo-realista, o aparecimento destas duas obras e qual o seu valor.

Plano Inclinado é o romance duma rapariguinha do campo que vai servir e corre várias casas até cair na «vida». Dentro da simplicidade do assunto, Afonso Ribeiro architectou

de madeira, dá-se uma automática interrupção do trabalho. O mineiro que dirige a manobra do guindaste está tão apto a apreciar o funcionamento da máquina, a dureza do filão e a acuidade dos dentes mecânicos como se manejassem ele mesmo o martelo-picarete.

Sir Richard Cruise, antigo oftalmologista da Rainha Maria e que durante a guerra passada ocupou o posto de major no corpo sanitário do exército britânico, cogitando na forma de combater a cegueira causada pela guerra, conseguiu agora concluir um modelo de viseira prote-tora. O invento de Cruise consta de «fólias de duraluminium moldadas e perfuradas» de forma a poder ser ligadas aos capacetes de aço por meio de arrebites.

A excelência demonstrada pelo emprêgo

de 5:000 destas viseiras nas campanhas da Noruega e em Dunkerque, captou a atenção do governo que promoveu o fabrico de muitos milhares de outras.

Sir Richard Cruise está convencido de que, se tivessem sido empregadas destas viseiras na guerra de 1914-18, teriam sido de metade os casos de cegueira total verificados.

O Ministério inglês da Salvação Pública, preocupado com o possível perigo das epidemias nos abrigos, tomou a precaução de se munir, para uma distribuição eventual, de 500:000 máscaras anti-epidémicas de 2 tipos diferentes. A máscara simples não é mais do que um quadrilátero de 12cm² de superfície, munido de um elástico para fixação em frente da boca.

muito bem um romance, a partir das primeiras cenas da escola, passando por aquela galeria variada de patrões e patroas tão reais e pelas cenas em que apresenta a vida familiar de Maria, a protagonista. Estas, pelo vigor com que estão dadas, pela humanidade real que respiram, pela forma sugestiva por que evocam a vida de tantos lares de trabalhadores portugueses constituem a melhor parte de *Plano Inclinado* e aquela em que Afonso Ribeiro nos deu autêntico neo-realismo.

Vê-se, além disso, que o autor não partiu desarmado para a transposição literária daquilo que apresenta mas se escudou numa observação que em muitos pormenores se revela.

Estas são, a meu ver, as qualidades que valorizam *Plano Inclinado*. No entanto, se olharmos para a forma por que nos aparece expresso o mundo das relações domésticas entre patroas e criadas, no decorrer da acção, achamos que Afonso Ribeiro o não traduziu com objectividade bastante.

E isto porque viu as criadas de servir nos sentimentos delas mas atribuindo-lhes a consciência que ele mesmo tinha da condição das criadas de servir. Ora aqui existe um falseamento da realidade que é a base não do neo-realismo mas do populismo. O populismo implica uma concepção simplista da representação artística da realidade. Ou porque encara o povo folclóricamente (exemplo: os filmes de Leitão de Barros) ou porque o toma como motivo de lamentações plangentes. Bem ao contrário, o neo-realismo exige que nenhum preconceito ou concepção pessoal se interponha entre o mundo e a sua representação literária ou artística. No caso da criada de servir, esta, quando mesmo oprimida pela vida que leva, não sente a sua condição sempre com a mesma agudeza. As reacções esboçam-se, muitas vezes, numa forma instintiva, sem verdadeira consciência. Ora foi precisamente neste campo que Afonso Ribeiro não penetrou.

Formalmente *Plano Inclinado* está escrito com facilidade. Por vezes, o estilo perde por ser demasiado apressado, sem se demorar mais em certos pormenores, aprofundando-os e vinculando-os mais à individualidade dos personagens; outras vezes, frisa pormenores desnecessários para a compreensão do leitor (por exemplo, a pág. 225, quando Maria vai procurar um antigo patrão de quem ia ter um filho, Afonso Ribeiro explica sem necessidade o que da própria acção deveria resultar: «Estava convencido de que ela dizia a verdade. Não obstante continuava a afirmar: — Mentas, mentas!»).

Os diálogos são geralmente naturais, o que denota a boa observação de Afonso Ribeiro que, apesar de tudo, nos deu um romance em que há coisas boas e que merece ser lido.

Soeiro Pereira Gomes publicou, com *Esteiros* o seu primeiro romance. Raramente uma estreia literária em Portugal terá revelado uma tão decisiva vocação de escritor.

O autor tem o poder de dar pleno relêvo aos ambientes, de pôr os personagens a falar pela sua própria boca, a viverem a sua própria vida e sabe contar. De todo o livro desprende-se um romantismo discreto de que Pereira Gomes nunca perde o domínio e que se eleva mesmo das passagens mais realistas.

Esteiros é um pedaço de vida numa aldeia do Ribatejo, atribulada pela inundação, de gente cansada na faina do rio e no trabalho árduo das fábricas de telhas (telhais). Tudo isto é dado porém através do convívio dos garotos vagabundos da povoação onde a vida está subjugada ao ritmo das quatro estações do ano: de inverno os barcos ficam sem poder ir ao rio, vem o outono e os telhais deixam de trabalhar.

Foi este o critério que o autor adoptou para a divisão de *Esteiros* cujas quatro partes são correspondentes às quatro estações do ano. Chamam-se esteiros os braços de rio, minúsculos canais abertos na margem do Tejo cujo nateiro é a matéria-prima para a fabricação de telhas.

Neste ambiente se desenvolve a acção da obra, que é a vida de um bando de garotos durante um ano. Todos eles têm a sua individualidade marcada. O «Gaitinhas» é um menino que o empobrecimento atizou para fora da sua classe e lançou na «vadiagem»; o «Ginêto» é o garoto rebelde e insociável, sedento de acção e de aventuras; «Maquineta» é dominado pela ambição de ver de perto as máquinas, de lidar com elas e ser também seu senhor; «Sagüi» é uma criança vagabunda e sem família; no lado destes, outros — Malessa, Guedelhas, etc. Pode perguntar-se, e com razão, se esta galeria não lembra demasiado a dos garotos desse admirável romance que é *Os capitães de areia*, do escritor brasileiro Jorge Amado.

É natural que Pereira Gomes, conhecendo o romance brasileiro, fôsse sugestionado por ele, e pensasse em escrever os *capitães de areia* portugueses. Mesmo que assim fôsse, a influência é tódá exterior e o escritor português realizou obra nacional, absolutamente autónoma da do seu camarada de além-mar.

De facto, os personagens e o ambiente de *Esteiros* são bem portugueses assim como o estilo; tudo ali surge por imposição do próprio assunto. Uma vez escolhido este (e nessa

escôlha não nego que possa ter influído o romance brasileiro), o desenvolvimento é absolutamente pessoal e bem localizado no nosso país, com fundas raízes na vida do nosso povo.

São particularmente notáveis as cenas da feira, da ansiedade durante e no fim da inunção, do roubo das laranjas, da ida ao cinema e do trabalho no telhal em que a descrição atinge um extraordinário poder de recompor literariamente a vida.

Atendendo precisamente a este carácter de «recomposição» da vida que *Esteiros* apresenta, é discutível se se trata verdadeiramente dum romance. Tôda a acção ali se dirige à pretensão de dar o ambiente social da aldeia e como que só por isso se justifica. Em *Capitães de areia*, por exemplo, é indubitável tratar-se dum romance em que domina a preocupação de dar o destino de cada um dos personagens. É o que já não sucede com *Esteiros*, onde os personagens não valem por si mesmos mas pela realidade em que se integram e que, «através deles», nos é dada. No entanto, parece que nada obsta a que consideremos a obra portuguesa um romance, se bem que pouco transcendendo os limites da crónica, porque nem pelas características que revela deixa de apresentar acção individualizada, acção que é desenvolvida, «contada».

Perante um livro como *Esteiros*, contudo, a preocupação de classificar a obra, de a encerrar dentro de quadros rígidos, é secundária. O que importa anotar é que está ali uma obra viva, fortemente impregnada de humanidade, impondo-se por si mesma e que Pereira Gomes é um escritor novo de quem o romance português muito tem a esperar.

Acompanham a obra (que é o n.º 2 da Série Romance das Edições Sirius) sugestivos desenhos de Álvaro Cunhal.

A. B.

FADO — Versos de José Régio e Desenhos de Júlio — Arménio Amado, Editor — Coimbra, 1941.

Já um crítico português afirmou de José Régio, o grande poeta de *Os poemas de Deus e do Diabo*, *Biografia* e *As encruzilhadas de Deus*, que tinha «génio» mas que nêlo o «talento» era ainda superior ao génio. É o que este seu último livro vem confirmar. De facto, o autor de *Fado* revela um grande poder de exteriorização verbal, mostra-se um extraordinário dominador das formas métricas que emprega, um virtuose de ritmos e rimas. Em compensação, o aspecto propriamente poético do livro é que é muito inferior, se o compararmos com as anteriores produções. José Régio cai na retórica, deixa-se arrastar pela sua facilidade formal e dá-nos um livro de transigência consigo mesmo e com os gostos do público, um livro oportunista de hábil exploração de motivos que julgamos não corresponderem a exigências profundas da sua personalidade.

Não sabemos evidentemente qual o estado de espírito que levou José Régio a escrever os versos de *Fado*. Veria o autor no fado português qualidades plásticas, riqueza poética que se lhe impusesse? Ou tê-lo-ia encarado como uma fonte formal e de temas de que, com o seu talento, poderia tirar partido? Talvez que ambas as hipóteses se entrelacem, porque no livro tão depressa encontramos versos cujo nível não ultrapassa o de muitas letras de fados vulgares e autênticos que nunca tiveram as honras de edição como deparamos outros em que o José Régio de *As encruzilhadas de Deus* se exprime em redondilha maior. Exemplos dos primeiros são o *Fado Português* e o *Fado das mulheres de vida fácil*; dos segundos *Portugal de todo o mundo* e sobretudo o *Fado-Canção*.

Aqui e além, descobre-se uma ironia quasi sarcástica do autor pelos tipos, casos ou quadros que dá nos seus versos, como *Fado dos Pobres* e *Fado do Grande e Horrível Crime*.

Perante outros poemas como o *Fado dos Ferros* e *Os Cristos* o leitor como o crítico vêem-se na impossibilidade de saber até ponto José Régio busca sinceramente em motivos exteriores a realização da sua poesia ou procura a simples exploração dos motivos do fado. Em qualquer dos casos, *Fado* é um livro do talento de José Régio mas não revela o génio que as suas obras anteriores exprimem.

Os desenhos de Júlio que acompanham os poemas estão também abaixo das qualidades que o seu autor tem revelado em exposições e edições dos seus desenhos. Alguns são duma grossaria gritante e desnecessária, outros com pretensões a uma ingenuidade rebuscada e mal conseguida e apenas os que acompanham o *Fado do Silêncio* e o *Fado de Amor* têm de facto aquele lirismo suave e leve que torna tão frescos muitos desenhos de Júlio.

A. B.

Expediente

Condições de colaboração

«NOVA LUZ» pretende ser um espelho fiel do pensamento e aspirações que vão surgindo, dia a dia, no decorrer da vida académica. Com êste fim em vista, «NOVA LUZ» convida, todos aquêles que se sintam com possibilidades para tal, a enviar para a redacção os seus escritos sôbre arte, ciência ou literatura e as suas impressões sôbre manifestações do pensamento académico. Tôda e qualquer sugestão, relativa à própria orientação da nossa Revista, será também aceite com prazer e devidamente ponderada. Aceitamos, pois, reconhecidos tôda a colaboração dos nossos leitores, neste sentido. Apenas, como é natural, impomos algumas condições cuja satisfação reputamos necessária para a boa organização dos nossos serviços. Em primeiro lugar, exige-se um máximo de elevação na ideia e a máxima correcção de forma. Além do quê, tôda a colaboração deverá ser escrita numa só página e dactilografada, quando possível. Assim, veremos facilitado o nosso trabalho de recepção o que só poderá traduzir-se numa maior perfeição na escôlha.

«NOVA LUZ» põi, desta forma, as suas páginas ao dispôr não só dos que queiram continuar a sua actividade literária, como daquêles que, mercê do despontar das suas aptidões, a queiram iniciar.

Esperamos que todos queiram e saibam corresponder aos nossos desejos.

Movimento Científico Internacional

Nesta secção procuraremos divulgar periòdicamente as mais recentes descobertas da técnica nacional e estrangeira. Para isso torna-se necessário consultar uma infinidade de Boletins de infor-

mação cultural, livros, jornais e revistas, tarefa árdua para a qual solicitamos a atenção e auxílio dos nossos colaboradores. Pedimos, a todo aquêlê que de alguma descoberta tenha conhecimento, o favor de redigir uma resumida notícia, juntar-lhe mesmo algum ligeiro comentário que se lhe oferecer, e enviar-no-la para a redacção. Deve tal notícia ser acompanhada por uma indicação da data do acontecimento, nome da publicação onde vinha registado, data da mesma e número.

Crítica

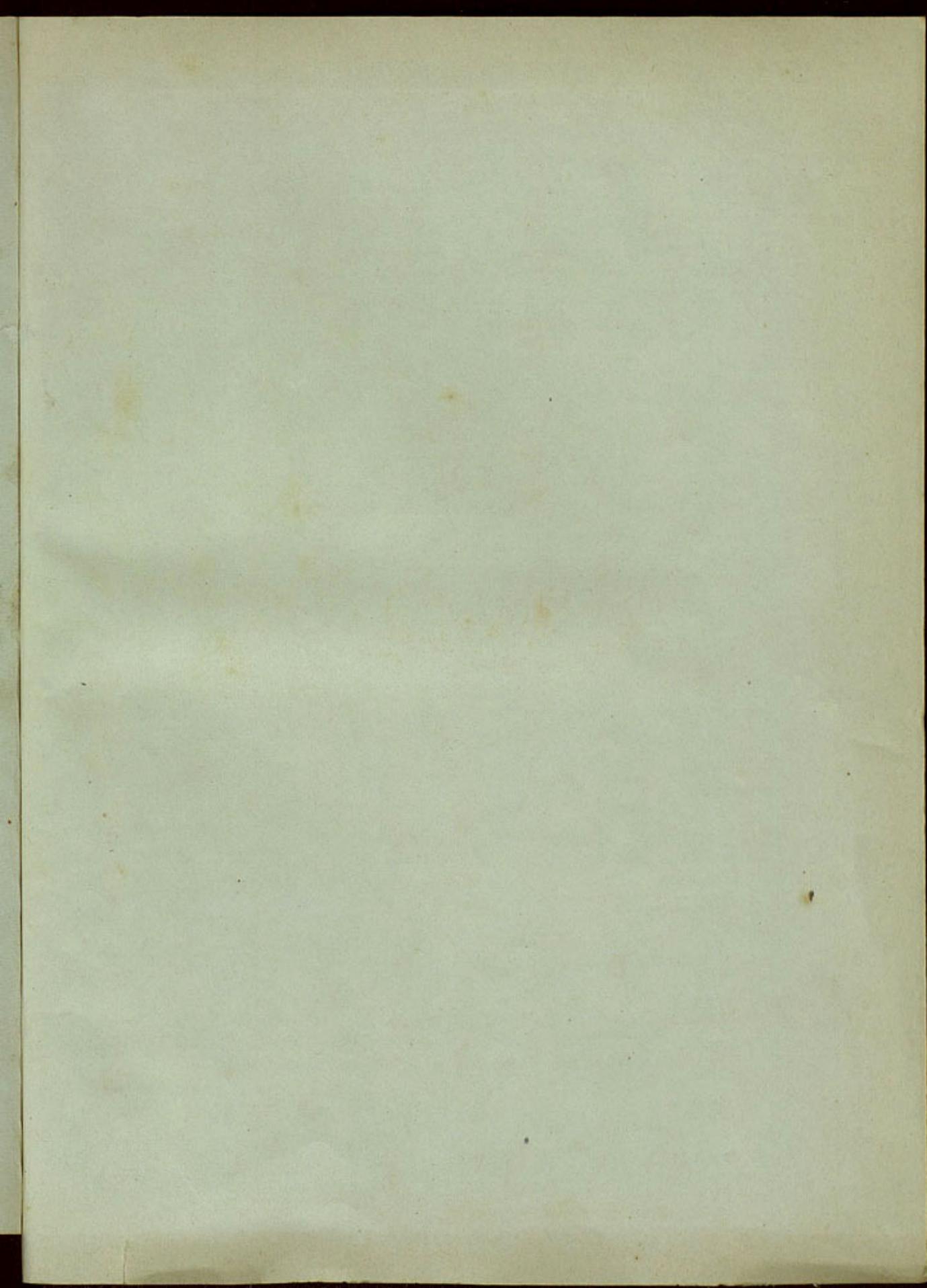
Faremos crítica séria de tôdas as publicações, que nos sejam enviadas para êsse fim, quando a remessa fôr de dois exemplares.

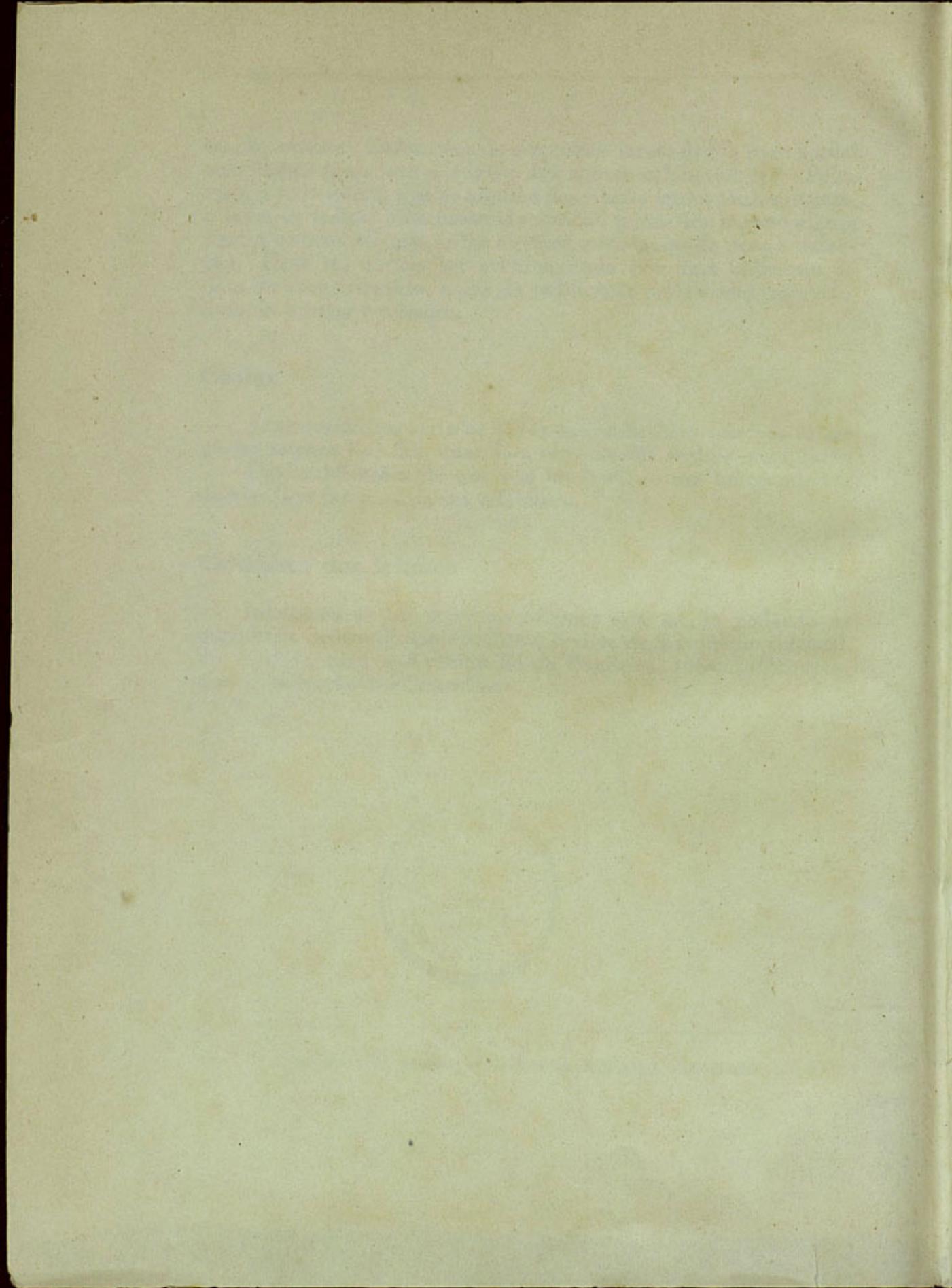
Das publicações de que nos fôr enviado um único número apenas lhes faremos ligeira referência.

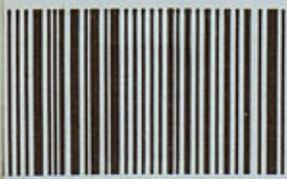
Consultas dos leitores

Iniciamos já no próximo número esta secção podendo as perguntas, dentro do âmbito duma revista de divulgação cultural, ser dirigida para a Avenida Sá da Bandeira, 108-1.º, Coimbra, com a indicação — «Consultas».









8053856027 80

